

28.09.87

## As mangueiras de Brasília

IGNÁCIO M. RANGEL

Especial para o Folha

Não sou agrônomo nem botânico. Mas a beleza das mangueiras de Brasília, neste setembro extraordinariamente seco, onde, salvo nas áreas irrigadas, não se vê uma folha verde de grama, e onde a própria vegetação nativa do triste cerrado brasiliense se torna mais triste ainda, sim, a beleza das mangueiras de Brasília não pode deixar de surpreender. Faz lembrar as mangueiras de Belém do Pará, diariamente irrigadas pela sua proverbial chuva das duas horas.

Quando, mal inaugurada a Nova Capital, visitei Brasília pela primeira vez, num seco verão como este, e fui testemunha das primeiras batalhas para tornar verde a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes, fiz-me a pergunta de saber se a redescoberta do cerrado, para o efeito de pôr em evidência suas ocultas vocações agropecuárias e florestais não seria uma das menos irrelevantes consequências de Brasília. Pouco importava que JK desejasse, como me diria, alguns anos mais tarde, uma cidade relativamente pequena e acolhedora. Para mim a vocação metropolitana de Brasília eram favas contadas. Não se cria uma infra-estrutura daquelas, à borda do sertão —no estrito sentido de deserto, isto é, de terra sem gentes— sem consequências.

Mas a vocação preter-urbana de Brasília, isto é, sua significação agrônoma, não podia passar despercebida a um sertanejo como eu. Para além do triste cerrado do Planalto Central, eu olhava os meus cerrados maranhenses, muito mais bonitos —ou menos feios. Assim, os jardineiros que pelejavam por enverdecer a Esplanada dos Ministérios eram, em minha perspectiva, apenas a vanguarda do exército que, agora sei, deveria conquistar os chapadões de Balsas, que eu havia visitado pouco antes, para transformá-los nos melhores arrozais do Maranhão.

(Assim, quando, em 1963, o então governador de Minas, Magalhães Pinto, disse-me que seu Estado

queria dar-me um presente, como prova de gratidão pela ajuda que eu lhe havia dado, para pôr ordem em suas finanças, respondi-lhe que me ajudasse a promover o estudo das possibilidades do cerrado. O que foi feito, pela criação, pelo presidente João Goulart, a pedido do governador de Minas, do Instituto do Cerrado.)

Confesso, porém, que não era um pomar —entre outras coisas— o que eu tinha em mente. Pensava numa série de possíveis monoculturas, do tipo sisal, ou mesmo cana-de-açúcar e, por isso mesmo, fiquei atento ao desenvolvimento dos únicos agentes possíveis de sua implantação, isto é, a moderna agricultura capitalista e seu contraponto social necessário, o semiproletariado agrícola —“bóia fria” ou “volante”. Era claro que o cerrado era um osso muito duro para os dentes do latifúndio feudal e seu contraponto social, o “agregado” ou servo de gleba. Enquanto não fosse possível a agricultura socialista, o cerrado seria inacessível, salvo para a agricultura capitalista. E são quase dois milhões de quilômetros quadrados, assim como três e meia Franças, ou quatro.

Tudo, ou quase tudo, desenvolveu-se como eu o esperava. Mas agora ouço que os canavieiros do cerrado matogrossense do Sul estão empreendendo a hidrolização do bagaço de cana, para transformá-lo em forragem, que a manga começa a deixar de ser cultura de quintal, para converter-se em cultivo comercial, objeto de “plantations” especiais e, ao ver o verde mangueiral que está crescendo, indiferente aos verões de Brasília, em frente ao Palácio do Buriti, alegro-me por ter acertado... em quase tudo.

Não sei se as mangueiras de Brasília produzem tantos frutos quanto folhas, mas lá chegaremos, se não houvermos chegado ainda. Em todo caso, que significação terão as mangueiras do cerrado para a polémica entre o “bóia fria” e seu contraponto?

Questão para minha querida amiga Conceição D'Incao matutar.

IGNÁCIO M. RANGEL, 71, é economista e formado em Direito, ex-presidente do Conselho Regional de Economia (RJ) e autor de vários livros, entre eles “A Inflação Brasileira”.